

505.469

JORNAL DE SCIENCIAS

MATHEMATICAS, PHYSICAS E NATURAES

PUBLICADO SOB OS AUSPICIOS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

SEGUNDA SÉRIE—TOMO II

Setembro de 1890 a Dezembro de 1892



LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA

1892



SOBRE O «ACANTHODACTYLUS» DE PORTUGAL

POR

J. BETTENCOURT FERREIRA

São confessadas pelos herpetologistas as difficuldades da determinação especifica nos animaes pertencentes ao genero *Acanthodactylus*, Fitz., e, comquanto alguns estudos e descripções tenham sido feitos, que muito adeantam sobre o conhecimento das especies d'este genero, são estas tão susceptiveis de variação que se torna ás vezes quasi impossivel marcar com certeza o logar competente a muitas d'estas fórmas, cujos caracteres se afastam bastante dos typos definidos e tomados como referencia.

Assim foi que, tratando nós de estudar alguns exemplares de *Acanthodactylus* pertencentes á collecção portugueza do Museu, nos chamou a attenção a discordancia entre os seus caracteres e as descripções auctorizadas de Dumeril, Bibron, Schreiber e Boulenger que melhor teem descripto o genero e cuja auctoridade é incontrouersa.

Não existem monographias sufficientemente illucidativas dos Lacertidios e são muito escassas as noticias sobre este grupo dos Lacertidios, relativas ao nosso paiz onde até agora só se menciona a *A. vulgaris*, D. B., n'uma area que não está ainda definida, podendo apenas saber-se com certeza que esta especie habita no sul do reino e apparece na Extremadura e no Alemtejo, cerca da latitude média do paiz.

Apoz leitura insistente do optimo estudo de Boulenger sobre o *Acanthodactylus* das margens do Mediterraneo¹, e depois de attento exame e comparação minuciosa com diversos exemplares que d'este genero possui o Museu de Lisboa, infelizmente em numero diminuto, suspeitámos que tinhamos presente uma fórma distincta do *A. vulgaris*, porque encontrámos notaveis differenças entre estes exemplares e a fórma descripta, e, como não havia referencia alguma a esta especie do nosso paiz damos á publicidade o resultado, embora incompleto, das nossas observações.

¹ Boulenger, *Sur les espèces d'Acanthodactylus des bords de la Méditerranée* in *Bull. Soc. Zool. de France*, 1878.

No seu Catalogo dos reptis da peninsula hispanica ¹, referindo-se a um *Acanthodactylus* mencionado por Graells nas Memorias da Commissão do mappa geologico de Hespanha, e cuja especie ficou por determinar, o sr. Boscá mostrou duvida sobre as especies que d'este genero possam existir na peninsula.

Empenhámo-nos portanto no estudo minucioso dos exemplares de que podêmos lançar mão, mas o seu pequeno numero não permittiu averiguar melhor, por meio de multiplicadas observações, os caracteres differenciaes da fórma portugueza; ficamos comtudo convencidos de que ella se destaca muito das especies descriptas; talvez uma captura mais abundante deixará accentuar melhor os seus caracteres distinctivos, para que se possa elevar a especie, o que, por ora, se nos afigura simplesmente uma variedade.

É facil pelo aspecto referir a maioria dos exemplares de Portugal ao *A. vulgaris*, D. B.; mas uma observação mais demorada faz duvidar da identidade perfeita da fórma portugueza com aquella.

Um certo numero de accidentes importantes levaria a collocar os nossos exemplares ao lado do *A. lineo-maculatus*, D. B., de que outros caracteres tendem a separal-os.

Das outras especies acham-se definitivamente excluidos, de modo que a distincção tem de ser feita entre aquellas duas especies, que são as que habitam as regiões mais quentes do sul da Europa e se podem encontrar na peninsula hispanica com maior probabilidade, apezar de, conforme lembra Boscá, ² não vir o *A. lineo-maculatus* mencionado na lista de especies europeas, publicada em 1869 por P. Gervais e do *A. vulgaris* não entrar no citado catalogo de Boscá.

O que principalmente distingue uma da outra as duas especies mencionadas é a existencia ou não existencia de escamas dorsaes carenadas. Este caracter que, pela sua exclusividade deveria servir optimamente para reconhecer com facilidade os individuos de uma e de outra especie, não apparece nos diversos exemplares com a mesma evidencia e o mesmo acontece aos outros accidentes de fórma e desenho que caracterisam as differentes especies.

É necessario, além d'isso, não esquecer que este caracter não é absoluto, e Boulenger, apezar de o considerar de primeira ordem ³, esclarece que no *A. vulgaris* as escamas da parte superior do dorso são levemente carenadas ⁴.

Os outros caracteres descriptivos não são melhores indicadores para a determinação especifica d'estas duas fórmas tão proximas, como o demonstra o estudo d'este auctor, que lhe indica mesmo as affinidades.

¹ Boscá, *Catalogo de los reptiles y amphibios observados en España, Portugal é islas baleares*. (*Anal. de la Soc. Esp. de Hist. Nat.*, vi, 1887).

² *Loc. cit.*

³ Boulenger, *loc. cit.*

⁴ *On the Lizards of the genera Lacerta and Acanthodactylus—P. Z. S. of London*, 1881.

Nos exemplares que tivemos de estudar pode dizer-se de um modo geral que ha caracteres pertencentes a uma e outra especie. Alguns exemplares teem as escamas dorsaes sub-rhomboidaes quasi granulosas, ou antes com tendencia para a fórma tetraedrica, e espalhadas pelo dorso algumas que não sendo positivamente carenadas apresentam uma pequena elevação mediana mal pronunciada.

A fórma d'estas escamas não nos auctoriza a classificar estes exemplares como sendo da especie *lineo-maculatus*; mas se pelo contrario são mais proprias do *vulgaris*, por outro lado, a existencia de escamas carenadas na face inferior da cauda, o que é peculiar ao *lineo-maculatus*, denuncia logo que se trata de uma fórma que se não comprehende bem nas descripções de qualquer das duas especies alludidas. N'um exemplar poderia ser uma anomalia singular, mas n'este caso nota-se este accidente em todos os exemplares de Portugal, seja qual fôr a sua idade.

Ha ainda outras divergencias dignas de menção n'estes exemplares. A infra-ocular, uma das placas essencialmente caracteristicas para alguns auctores, chega em todos estes exemplares ao bordo do labio superior, o que é da regra no *A. vulgaris*. Porém esta particularidade não importa consideravelmente para a determinação, por ser facil, segundo Bouleñger, encontrar n'esta ultima especie a infra-ocular distante do bordo labial¹, ficando encravada entre a 4.^a e a 5.^a labiaes superiores, seguindo ainda as descripções de Boulenger e Schreiber, porque tambem o numero de labiaes superiores é variavel nos nossos exemplares, assim como a fórma e disposição d'estas placas.

Fazemos notar que a contagem das placas labiaes superiores não nos parece, tal como tem sido feita pelos herpetologistas, comprehender todas as placas que guarnecem o labio superior n'esta especie, a não ser que essa differença seja propria do *Acanthodactylus* de Portugal, o que não parece justificar-se porque a mesma alteração numerica encontramos nos exemplares da mesma especie collidos em Hespanha. Nas descripções dadas pelos auctores são contadas apenas cinco placas labiaes superiores, tanto para o *A. vulgaris* como para o *lineo-maculatus*, e na figura que traz Schreiber² junta á descripção d'esta especie, veem desenhadas apenas cinco, passando sem transição das placas labiaes para as escamas temporaes.

Os nossos exemplares teem geralmente maior numero de placas labiaes, que não excede sete, geralmente 4 anteriores e 2 ou 3 posteriores, excepto no caso de anomalia que é facil reconhecer e encontrar.

No citado trabalho de Boulenger³ vem figurada uma cabeça de *A. vulgaris* que mais se aproxima da fórma representada pelos exem-

¹ Em dois exemplares evidentemente do *A. vulgaris*, procedentes de Hespanha, que fazem parte da collecção geral, dá-se este caso.

² Schreiber, *Herpetologia Europea*, p. 391, 1875.

³ Boulenger, *l. c.*, P. Z. S., 1881, pl. LXIV.

plares portuguezes, havendo uma serie de tres ou quatro pequenas placas que fazem continuação ás labiaes superiores e vão até á abertura do canal auditivo. Além d'isso ha differenças numericas devidas á sub-divisão anormal das placas, o que é frequente nos nossos exemplares. Podem em geral contar-se seis ou sete interessando o labio superior, continuadas em serie pelas escamas temporaes inferiores geralmente polygonaes e achatadas. Vem a proposito lembrar que Boulenger encontrou esta constituição das regiões temporaes no *lineo-maculatus*.

Um outro caracter, aliás de pouca importancia, e dado como proprio do *lineo-maculatus*, é a curvatura das placas naso-rostral e nasofrenal¹ que aliás pode coexistir, como se vê nos exemplares portuguezes, com a falta mais ou menos completa de relevos nas escamas do dorso e com a maior ou menor saliencia das carenas das escamas caudaes inferiores.

A conformação do bordo anterior do ouvido, a qual se apresenta uniformemente em todos os exemplares que estudámos, mal pode tambem fornecer-nos um caracter distinctivo de confiança, por não ser realmente muito diverso n'uma e n'outra das especies consideradas e difficil de verificar, podendo, quer n'uma quer n'outra, ser granuloso ou sub-denticulado (Boulenger); de fórma que a presença de granulações um pouco volumosas, ou menos aparentes, como acontece nos presentes exemplares, não justifica isoladamente esta ou aquella diagnose.

No mesmo caso está o colar, composto de 9 a 11 escamas, ao qual se não pode tambem reconhecer uma fórma determinada, tanto n'uma como n'outra especie.

O typo médio nos nossos exemplares é o de uma curvatura formada pela contiguidade dos bordos livres das escamas que compõem este acidente, inclinando-se algumas vezes em angulo obtuso, devido á fórma da escama mediana do colar, sempre um pouco maior que as outras. Se esta apresenta um dos seus lados ou um bordo arredondado, a linha limitante do bordo livre do colar é elegantemente recurvada; no caso da escama mediana se apresentar pelo seu angulo, o colar é francamente anguloso. Umaz vezes é quasi totalmente adherente, outras é livre².

Sendo assim, como é facil de verificar, o que confirma as observações de Boulenger n'este sentido, é falivel mais este caracter, que perde mesmo todo o seu valor descriptivo.

A correspondencia de um angulo mais ou menos disfarçado no colar, com a existencia ou a falta de relevos nas escamas dorsaes e caudaes inferiores não esclarece melhor, porque não se dá, por exem-

¹ Boulenger, *Bull. Soc. Zool. de France*, p. 193, 1878.—Dum. & Bibr., *Erpetologie generale*, t. v, p. 276,

² Em dois exemplares não foi possivel esta investigação pelo mau estado de conservação.

plo, o caso de n'um exemplar com um colar anguloso se apresentarem as escamas dorsaes carenadas ou completamente lisas.

Assim n'um exemplar cujo colar é manifestamente arqueado, as escamas carenadas dorsaes faltam absolutamente, mesmo na parte posterior do dorso, e as da região inferior da cauda são apenas levemente carenadas.

Podem contar-se 9 a 10 placas ventraes, 3 ou 4 anaes e 23 a 25 poros femoraeas.

Os relevos das escamas da região inferior da cauda podem ser ás vezes menos salientes, mas são em geral bastante visiveis para que nunca possa haver duvidas sobre a sua existencia.

As proporções, segundo Boulenger, entre a cabeça e o tronco são de $\frac{1}{3}$ para o *A. lineo-maculatus* e de $\frac{1}{4}$ no *A. vulgaris*. Nos nossos exemplares são geralmente de $\frac{1}{3}$; as proporções dos membros, á parte differenças millimetricas, são as mesmas que nas duas especies em comparação. Os membros anteriores extendidos ao longo do pescoço e da cabeça excedem bem pouco o focinho; os posteriores extendidos junto ao tronco tocam com a unha do quarto dedo no ouvido.

O resultado das mensurações feitas nos exemplares da collecção portugueza do Museu de Lisboa não differe muito do que apresenta Boulenger¹ obtido nas mensurações de exemplares do Museu de Bruxellas, como se pode concluir do quadro seguinte:

Comprimento	<i>A. lineo-maculatus</i>	<i>A. vulgaris</i>	Expl. de Portugal	
Da cabeça.....	0 ^m ,114 — 0 ^m ,016	0 ^m ,015 — 0 ^m ,016	0 ^m ,015 — 0 ^m ,0175	
Do extremo do facinho ao anus....	0 ,060 — 0 ,064	0 ,066 — 0 ,067	0 ,063 — 0 ,072	
Do membro	{ ant....	0 ,023 — 0 ,026	0 ,026	0 ,024 — 0 ,027
	{ post....	0 ,039 — 0 ,044	0 ,038 — 0 ,041	0 ,042 — 0 ,050
Da cauda.....	0 ,110 — 0 ,122	0 ,087 — 0 ,092	0 ,110 — 0 ,138	
Total.....	0 ,170 — 0 ,186	0 ,154 — 0 ,158	0 ,175 — 0 ,205	

A comparação d'estes numeros levaria a estabelecer maior proximidade entre a fórma representada no Museu de Lisboa e o *A. lineo-maculatus*, D. B.

É sensível, porém, que os exemplares de Portugal attingem maiores dimensões do que qualquer das duas especies em confronto, o que é mais uma discordancia, ou um caracter que os distancia d'aquellas especies.

A côr fundamental é n'esta fórma perfeitamente identica á que descrevem Dumeril e Bibron.²

¹ Boulenger, *loc. cit.*

² Dum. et Bibr., *Erpetologie générale*, v, p. 271 e 277.

O desenho differe bastante de qualquer das outras especies. No *Acanthodactylus* de Portugal a lista mediana do dorso está reduzida a uma pequena linha branca de 6^{mm} de comprimento, o maximo, quando não falta de todo. Apenas n'um dos exemplares existe em vestigio essa faixa, que mesmo nos de individuos novos não vae além d'aquelle comprimento.

As outras faixas são um tanto desvanecidas e em numero de 8 e as manchas que ornãm esta região esbatem-se n'um cinzento azulado sombrio. Só n'um dos exemplares encontrámos as manchas acima da faixa branca superior do lado descriptas por Boulenger.

A cauda apresenta desde a sua raiz as duas faixas escuras lateraes que são como que a continuação d'aquella serie de manchas. Estas faixas da cauda, que diminuem gradualmente de largura até desaparecer no segundo terço d'esta região, notou-as Boulenger como minucia descriptiva do *A. vulgaris*, sem dizer se existem ou não na outra especie.

A côr da ultima porção da cauda nos exemplares adultos mais recentes e de toda a cauda nos novos de qualquer data é vermelha, côr de camarão, desaparecendo rapidamente no alcool. A mesma côr mas n'um tom mais escuro, se vê na parte interna e inferior das coxas, estendendo-se em alguns exemplares para a parte superior das mesmas e misturando-se com o fundo escuro, acinzentado em que sobresaem as manchas brancas, como goticulas disseminadas.

As linhas brancas dorsaes não teem em todos os exemplares a mesma nitidez e as manchas brancas goticulares vêem-se tanto mais quanto mais desvanecidas são aquellas linhas. Pelo contrario, quando as linhas dorsaes são mais nitidas desaparecem as goticulas brancas, de modo que, sendo caracteristicas do *A. vulgaris*, ao passo que a sua ausencia se nota no *lineo-maculatus*, o desaparecimento das manchas brancas pode assimilar complemente as duas especies, sujeito como é a variantes de intensidade este desenho do dorso. Em alguns exemplares ha manchas brancas azuladas nos intervallos das faixas brancas.

A cabeça é nos exemplares portuguezes, como nas duas especies proximas, de uma côr uniformemente bronzeada e as regiões inferiores de um branco nacarado, com leves tons azulados em alguns sitios.

Ligando-se manifestamente ao *A. vulgaris*, os exemplares nacionaes do Museu de Lisboa, embora apresentem alguns caracteres do *lineo-maculatus* parecem-nos sensivelmente diferentes dos typos descriptos d'estas duas especies.

A existencia do *lineo-maculatus* não foi sequer entrevista no nosso paiz para nos auctorisar a supposição de que esta fórma seja derivada d'aquella, que figura no catalogo de Boscá, como de Hespanha mas sem localidade precisa, como referencia do *Catalogue des reptiles du Muséum de Paris*, 1851, não vindo porém na lista das especies europeas publicadas por P. Gervais em 1869 na *Bibliothèque scientifique*.

Tudo nos leva portanto a crer que se trata de uma fórma local differente das já descriptas e constituindo uma variedade propria do nosso paiz, caracterisada pela ausencia da linha branca mediana do

dorso, pela existencia de escamas granulosas n'esta região e de escamas rhomboidaes carenadas na parte inferior da cauda e pelas suas dimensões maiores que as das especies contiguas, entrando a cabeça como um terço no comprimento do tronco e tendo os membros mais compridos.

Em homenagem ao nosso venerado director, o ex.^{mo} sr. conselheiro Barboza du Bocage propomos para esta forma o nome de *Acanthodactylus vulgaris*, subsp. *Bocagei*.

POST-SCRIPTUM

Só depois de impresso este artigo é que nos chegou ás mãos o novo trabalho do distincto herpetologista, dr. J. Bedriaga: *Amphibiens et reptiles recueillis en Portugal par M. Adolphe Moller*, Coimbra, 1890. A descripção do *Acanthodactylus vulgaris* inserta n'este trabalho concorda em grande parte com a que acabamos de fazer, embora não realce os caracteres distinctivos da fauna portugueza, nem desça ás minuciosidades a que chegámos directamente e por comparação.

Ha comtudo divergencias que mencionaremos de rapido, para apuramento do nosso estudo sobre esta especie e naturalmente devidas á differente origem dos exemplares observados pelo sr. Bedriaga e que o sr. Moller capturou perto de Faro, *habitat* de uma latitude muito inferior á das localidades dos exemplares por nós estudados, a maioria do Alfeite, e alguns do Pinhal da Sobreda (Leiria) e d'entre Canha e Pegões (Extremadura).

Os nossos exemplares são maiores e as proporções diversas, podendo dizer-se em geral que os membros são mais compridos; o bordo anterior do ouvido não é denticulado, como estabelece em geral o sr. Bedriaga, mas antes granuloso ou bordado de escamas granulosas mais ou menos salientes conforme os individuos.

O collar que, segundo a descripção d'este herpetologista é composto de 8 a 9 escamas, nos nossos exemplares tem 9 ou 10. Na mesma descripção o numero de faixas brancas dorsaes e lateraes é de 7 ou 8 nos novos e de 6 ou 7 nos adultos, e nos nossos exemplares varia entre 6 e 8, sendo facil encontrar os mesmos vestigios das 8 faixas caracteristicas. A região mediana dorsal não é desprovida de *linhas* e de *manchas*; como refere este auctor, mas sómente da *linha mediana* e não de manchas.

Quanto ao resto dos caracteres acham-se de accordo as duas descripções.
